Mães Adolescente e os significados espaciais: suas experiências cotidianas

Lívia Luciana Meira dos Santos Bernasconi (PIBIC/FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA/UEPG); Joseli Maria Silva (Orientadora) joseli.genero@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociências

Geografia, geografia humana.

Palavras-chave: Maternidade, mãe, adolescente.

Resumo

O objetivo geral da pesquisa é compreender como as mulheres significam as relações espaciais a partir de suas experiências enquanto mães adolescentes. Para responder ao objetivo geral, foram construídas três questões específicas ‘’Qual é o perfil das mães adolescentes? Quais são as espacialidades vividas pelas mães adolescentes? E por fim, como as espacialidades são vivenciadas e significadas pelas mães adolescentes durante a maternidade e a maternagem?’’ Foram realizadas cinco entrevistas semi estruturadas com mulheres que se tornaram mães na fase da adolescência, evidenciando como a maternidade e a maternagem trouxeram mudanças significativas na vida e nos espaços vividos por elas.

Introdução

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2013 o Brasil, no ano referente, contava com 5,2 milhões de adolescentes entre 15 e 17 anos, destas 414.105 tinham pelo menos um filho. Esse dado é bastante expressivo, uma vez que essas adolescentes estão em uma faixa etária escolar.

As mulheres entrevistadas mostraram-se de certa forma homogêneas, atualmente possuem idade entre 19 e 32 anos, e engravidaram em uma faixa etária de 14 a 17 anos, são de classe média, duas delas universitárias e três possuem ensino superior completo. Apenas uma delas é casada, todas vivem com suas famílias e filhos.

A gravidez na adolescência é na maioria das vezes não planejada e indesejada, como evidenciam os trechos das entrevistas:

> ‘’*Na verdade eu não queria ser mãe naquele momento e nem em momento algum, na minha vida eu nunca pensei em ter filho, nunca quis um.’’ (*Entrevista realizada com Loise no dia 27 de Junho de 2017)

> *‘’Eu nunca quis ser mãe, eu não sabia nem o que eu ia fazer no dia seguinte quando eu estava grávida, eu nunca tinha nem segurado uma criança no colo na vida, a primeira criança que eu segurei foi minha filha, eu tenho pavor de criança, eu odeio criança. Quando entregaram minha filha na maternidade eu olhei para aquele bebê e pensei ‘’Que porra é essa? Não me dê que eu vou quebrar’’.* (Entrevista realizada com Helene no dia 17 de maio de 2017)

Badinter (1985) discute sobre o que ela chama de ‘’ideologia maternalista’’, onde toda mulher seria induzida ao desejo de ser mãe, transformando as mulheres em vítimas dessa ideologia, a autora discursa sobre o mito do instinto materno, onde

o amor materno seria um sentimento construído e não estaria presente em toda mulher.

Materiais e Métodos

Para atingir o objetivo da pesquisa, foram realizadas entrevistas semi estruturadas com cinco mulheres que se tornaram mães durante sua adolescência na faixa etária entre 14 e 17 anos da cidade de Ponta Grossa. Em seguida, houve a sistematização dos dados por meio de análise de conteúdo das entrevistas. Foram utilizados nomes fictícios para preservar o anonimato das entrevistadas

Resultados e Discussão

A associação da figura feminina à maternidade tem se modificado ao longo dos anos, segundo Beauvoir (1949) a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade. O surgimento de métodos contraceptivos contribuiu para a emancipação sexual feminina, entretanto, o uso e a eficácia desses métodos é pouco discutido, se tornando ainda um tabu até mesmo dentro do ambiente familiar, o que podemos evidenciar nos trechos das entrevistas:

> *‘’Eu engravidei aos 15 anos e tive meu filho com 16, eu só usava camisinha mesmo, não sabia como usar outros métodos, lá na minha casa não tinha muita abertura pra falar sobre isso.’’* (Entrevista realizada com Clemence no dia 28 de Junho de 2017)

> *‘’Eu sabia dos métodos mas tenho família conservadora, né? Aquele negócio de ‘’minha filha não faz’’, foi minha primeira relação desprevenida e eu engravidei.’’* (Entrevista realizada com Olympe no dia 21 de Março de 2017)

Juntamente com o uso de métodos anticoncepcionais, o aborto é um assunto presente na fala das mães adolescentes mesmo sendo uma prática ilegal no país. Beauvoir (1949) afirma que o fato do aborto ser ilegal e feito de maneira clandestina, a prática se torna mais perigosa, também trazendo um sentimento de culpa para a mulher que é um aspecto moral das circunstâncias. Após a ineficácia de métodos contraceptivos, o aborto também pode se tornar uma alternativa:

> *‘’No primeiro momento eu pensei, na hora do choque eu não sabia oque fazer, me ofereceram a alternativa de abortar ele mas eu não quis fazer isso depois de pensar direito.’’* (Entrevista realizada com Clemence no dia 28 de Junho de 2017)

> *‘’Eu pensei em abortar, até eu me sinto culpada, tentei aborto mas depois eu pus na minha cabeça que muita gente quer ter filho e não consegue, então, eu ia encarar de frente e ter a criança mesmo sabendo das dificuldades’’* (Entrevista realizada com Olympe no dia 21 de Março de 2017)

A família tem importância principal na decisão das mãe adolescentes de prosseguirem com a gestação. O núcleo familiar é uma das espacialidades mais

vivenciadas pelas mães adolescentes se tornando o principal pilar para essas mulheres, podemos observar isso nos trechos das entrevistas realizadas:

> *''A minha família me apoia totalmente, tanto meu pai, minha mãe, meus irmãos, minhas cunhadas que são meu núcleo familiar mais próximo, eu acho que se eu não tivesse eles do meu lado eu não teria conseguido nada do que eu tenho hoje, não conseguiria chegar onde eu estou agora.'' (Entrevista realizada com Juno no dia 14 de Março de 2017)*

> *''A minha família reagiu super bem à minha gravidez, ela teve muita aceitação, eu achei que seria uma horrível mas muito pelo contrário, minha avó, minha mãe me apoiaram. O meu avô morava na África na época e quando ele soube, ele veio pra cá direto comprar o enxoval do meu filho.'' (Entrevista realizada com Loise no dia 27 Junho de 2017)*

O espaço escolar é o segundo lugar mais frequentado por essas mulheres, entretanto, constatamos que durante a gestação, a relação das adolescentes com a escola muda, muitas vezes por vergonha da transformação, invisibilidade e preconceito, segundo Massey (2008) o espaço é relacional, constantemente em transformação, com resultados inusitados e imprevisíveis porque é marcado por relações assimétricas constantemente tensionadas por um movimento que envolve elementos de múltiplas escalas.

Observamos nas entrevistas, o fato da gestação dificultar nos estudos até mesmo com o apoio familiar. Trechos das entrevistas:

> *''Eu sofria muito preconceito na escola, as pessoas falavam mal de mim, a maioria dos meus amigos parou de falar comigo, durante a gravidez eu estudei um período, eu tive bastante dificuldade e resolvi abandonar e estudar em casa. Eu terminei meu ensino médio, e logo no outro ano eu já ingressei na universidade, então eu não parei, acho que isso me ajudou muito junto com o apoio do meu pai e da minha mãe, porque se eu não tivesse eles eu acho que nem o ensino médio eu teria terminado.''* (Entrevista realizada com Juno no dia 14 de Março de 2017)

> ''*Eu não parei de estudar por causa do meu filho, eu parei de estudar porque eu tinha vergonha de estar grávida e começar alguma coisa grávida, eu resolvi adiar a minha faculdade por isso.''* (Entrevista realizada com Loise no dia 27 de Junho de 2017)

A maternagem é um papel que é muito mais relacionado a mãe do que ao pai, segundo Badinter (1985) há uma forte distinção de papéis materno e paterno, o papel paterno não carrega um peso tão grande quanto o papel materno suposto pela sociedade, fato que reflete na criação dos filhos até nos dias atuais. A figura paterna na maternagem não é tão presente, o que reforça que as responsabilidades com a criança seriam maiores para a mãe.

Na realização das entrevistas com as mães adolescentes, constatou-se que durante o relacionamento amoroso com o pai das crianças, houve uma maior proximidade dos pais com a maternagem, já as mães que não mantiveram um relacionamento amoroso, houve um distanciamento com a criança ou até mesmo recusa em participar dos cuidados com o filho. Trechos das entrevistas:

> *''Quando a gente estava junto ele ajudava, depois que a gente se separou isso mudou. Quem ficava cuidando do filho o dia inteiro em casa era eu, era eu quem as pessoas iriam olhar, mas ele todo mundo achava normal, ele é homem, tem que sair, tem que trabalhar, como se a obrigação dele fosse só trabalhar e não cuidar do filho.''* (Entrevista realizada com Juno no dia 14 de Março de 2017)

> *''Ele não tem participação nenhuma, a gente fez o acordo de pensão antes do meu filho completar 1 ano, ele nunca pagou. Eu sempre falava pra ele que se ele não pode pagar pensão, ele que participe da vida dele, ele não mora aqui, mas não custa ligar, mas ele nunca quis participar ou ajudar.'' (Entrevista realizada com Olympe no dia 21 de Março de 2017)*

Conclusões

A pesquisa indicou que a gravidez na adolescência é em sua maioria indesejada e não planejada. O fenômeno da gravidez na adolescência é muito comum pois acontece em decorrência da falta de diálogo das adolescentes com os pais em relação ao início da vida sexual e uso de métodos anticoncepcionais, o que também dificulta o acesso a esses métodos. Em outros espaços vivenciados pelas adolescentes, como por exemplo a escola, há pouca visibilidade e diálogo sobre isso visto que a vida sexual ainda é um tabu entre os jovens.

Pudemos constatar também, que o núcleo familiar é uma das espacialidades mais vivenciadas pelas adolescentes durante a maternidade e maternagem, tornando a família o principal pilar e força para a adolescente no auxílio dos cuidados com a criança. Já a escola, se mostrou o segundo espaço vivenciado pelas adolescentes, onde também sofreram o maior índice de preconceito e invisibilidade.

A mulher se mostrou protagonista na maternagem e consequentemente a família materna também assumiu papel fundamental nisso, visto que a figura paterna não se mostrou tão presente nas vivências da maternagem, ou até mesmo teve participação nula.

Agradecimentos

Agradeço a Fundação Araucária pela oportunidade e ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE) pelo acolhimento e contribuição para a realização deste trabalho. Agradeço especialmente a Professora Dra. Joseli Maria da Silva pela compreensão e comprometimento para a realização da pesquisa.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

CASTRO, Iná Elias de. "O Problema da Escala". In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil**, 2006. p. 117-140.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.